



AS RESSIGNIFICAÇÕES DO CONCEITO DE RAÇA E O RACISMO CONTRA OS IMIGRANTES HAITIANOS NO BRASIL

Fernando Diehl¹

Resumo:

Existem diversas correntes teóricas nas ciências sociais para a compreensão do conceito de raça. Este trabalho pretende apresentar o conceito de raça, racismo e etnicidade a partir do preconceito sofrido por novos imigrantes, os haitianos no Brasil, através da interação social dos indivíduos, partindo de análise de fontes jornalísticas e entrevistas realizadas. Apresentará inicialmente um resgate da noção de raça e racismo como construções sociais que atravessam as questões dicotômicas entre biologia e cultura. Os conceitos de raça, racismo e etnicidade apresentam-se como construídos na interação, demonstrando assim como determinados grupos sociais minoritários sofrem preconceitos. Compreendendo que existem traços físicos na qual despertam um preconceito contra um grupo étnico específico. Este trabalho pretende discutir como, uma construção social - a de raça - é ressignificada para estigmatizar um grupo social recentemente migrado e quais traços que geram o preconceito contra este grupo.

Palavras-Chave: Teorias Raciais; Racismo; Imigração Haitiana

The resignification of the concept of race and the racism against Haitian immigrants in Brazil

Abstract:

There are several theoretical perspectives in the social sciences to understanding the concept of race. This paper aims to introduce the concept of race, racism and ethnicity from the prejudice suffered by new immigrants, the Haitians in Brazil, through the perspective of social interaction of individuals, from analysis of news and interviews sources. Initially this paper present a rescue of the concept of race and racism as social constructions crossing dichotomous issues between biology and

¹ Mestrando em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
E-mail: Fernandodiehl89@gmail.com



culture. The concepts of race, racism and ethnicity are presented as constructed in the interaction, thus demonstrating how certain social groups suffer prejudice. Understanding that there are physical traits in which awaken a discrimination against a particular ethnic group. This paper discusses how a social construction – in this case, the race - is resignified to stigmatize a newly migrated social group and which traits that generate discrimination against this group.

Keywords: Racial Theories; Racism; Haitian Immigration

Acerta dos conceitos de etnicidade, raça e racismo

Existem diversas formas e correntes teóricas na sociologia para a compreensão de um fenômeno social, este artigo pretende apresentar a construção social dos conceitos de raça, racismo e etnicidade a partir do preconceito sofrido por novos imigrantes no Brasil através da interação dos indivíduos. Para isso, apresentará um resgate da noção de raça e em que medida fatores biológicos e culturais - que são sobrepostos aos indivíduos variando conforme o contexto social a qual estão inseridos – podem ser consideradas como linguagens construídas na interação. Deve-se considerar que estes novos imigrantes sofrem preconceitos raciais, por serem negros, o racismo na população brasileira é expresso contra eles, mas de uma maneira diferente, resignificada contra este novo grupo. Desta maneira, demonstrando que existem traços físicos, que geram simbolicamente um preconceito contra um grupo social, este preconceito é o que é construído socialmente. Portanto, levando em consideração que “muitos cientistas naturais e a grande maioria dos cientistas sociais concordam que as raças são construções sociais. A ideia de raça é justamente isso, uma ideia” (WADE, 2000 p. 21). Cabe verificar em que medida esta ideia, interpõe a interação entre dois grupos étnicos distintos, fazendo com que um possa subjugar o outro através de ações, gestos e falas consideradas racistas.

Partindo do pressuposto de que a sociedade é construída a partir dos símbolos de linguagem que os indivíduos utilizam em suas vidas, pois “a vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo



coerente” (BERGER; LUCKMANN, 2013, p. 35). Isto significa que é na interação cotidiana que o mundo real é construído a partir dos símbolos, que surgem através da linguagem e interação, isto significa que a “linguagem marca as coordenadas de minha vida na sociedade e enche esta vida de objetos dotados de significação” (Id. Ibid., 2013, p. 38). É pertinente a compreensão de que os significados dos símbolos presentes na construção social da realidade em cada sociedade surgem no processo de interação social cotidiana. Por símbolos entende-se “alguns signos que transmitem informação social podem ser acessíveis de forma frequente e regular, e buscados e recebidos habitualmente; esses signos podem ser chamados de símbolos” (GOFFMAN, 2013, p. 53). E por signo,

objetos ou ocorrências perceptíveis por visão, audição, tato e olfato, como luzes de diferentes cores, elementos de vestimenta, letreiros, declarações orais, tons de voz, gestos, expressões faciais, perfumes e assim por diante (BAUMAN; MAY, 2010, p. 207).

Isso significa que traços, objetos, percepções sociais, geram sentidos e significados para os diversos grupos existentes. Porém, isso não significa uma interpretação pessoal isolada das demais. Ao longo do processo histórico, alguns símbolos em destaque foram gerando um significado constante e igual, a repetição dos significados de tais símbolos construiu uma compreensão subjetiva de uma grande parte da população, tal experiência conseqüentemente “pode ser compartilhada por outra pessoa que não a vive” (FANON, 2008, p. 86).

Utilizando-se de um exemplo para ilustrar esta questão, a construção social das categorias raciais pode ser ilustrada mediante o contraste entre América do Norte e América do Sul. Na primeira, a categoria de negro inclui supostamente qualquer pessoa com a conhecida “gota de sangue negra”, assim, este fator assimilará a identidade étnica do ser negro. Já na América Latina, a situação é apresentada de outra forma, há uma grande quantidade de categorias raciais, elas são autodeclaradas ou como os outros veem estes sujeitos, e só se identificam como “negras” as pessoas com aparência muito parecidas com o fenótipo e a tipificação do africano, em nosso senso comum, ou seja, a partir da pigmentação (WADE, loc. Cit.).

Alguns traços fenotípicos utilizados para definir a raça, foram originados e ressignificados historicamente de acordo com interesses de grupos sociais. Traços



como a pigmentação de pele, formato do rosto, nariz, cabelo, cor dos olhos, foram símbolos usados para a definição de raça de acordo com os interesses dos grupos dominantes. Portanto,

não podemos deixar de nos lembrar sempre que o conceito de “raça”, tal como é empregado na linguagem cotidiana de senso comum, para significar características conexas e comuns em relação ao tipo e à ascendência, é uma invenção relativamente recente e absolutamente moderna (GILROY, 2007, p. 52).

Este artigo busca discutir como o conceito de raça ainda se perpetua na sociedade, quais traços que são usados como signos marcadores de raça, o preconceito contra um grupo social e como ela se ressignifica para gerar uma discriminação específica, no caso, contra a nova imigração de haitianos no Brasil.

A etnicidade também é outro conceito utilizado ao se tratar das questões étnico-raciais, costumeiramente para descrever os processos de organização das relações sociais e formas de atribuir categorias entre grupos étnicos a partir de diferenças culturais presumidas como essenciais (PUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p.17). Visto que a etnicidade é um elemento cultural que ganha existência através de significados compartilhados ela é produzida e reproduzida na interação social (JENKINS, 1997). Já o conceito de racismo, parte-se da compreensão de que ele é construído socialmente e que se diferencia não apenas na ordem de “excluir, mas adicionalmente na ordem de marginalizar uma coletividade social com a particular questão de relações de dominação” (MILES, 1993, p. 101). Isto significa que os conceitos, de raça, etnicidade e racismo são construídos a partir de interesses de determinados grupos, para manter sua legitimação ou dominação sobre outros grupos.

Não se pode desconsiderar de que existe uma grande crítica para esta perspectiva social teórica. O cerne desta crítica é que, se as questões sociais – como etnicidade, raça e racismo propostos neste trabalho – são construções sociais surgidas no processo de interação, então seria na própria interação social cotidiana que eles seriam modificados ou até mesmo eliminados, pois não existiria uma “estrutura” ditando as regras de forma objetiva sobre os indivíduos. Acerca desta questão, Blumer (1986, p. 58) coloca que por “estrutura” deve-se compreender pessoas interligadas em suas respectivas ações. Ou seja, existe um grupo que



detém o poder de gerar os significados de símbolos e estes perpassam na interação cotidiana dos indivíduos. Logo, tal visão, não nega a existência de instituições que regem a vida do indivíduo, ela não é negligenciada. As instituições e organizações devem ser vistas pelo processo de interpretação da ação dos participantes. Isto significa que:

A coisa importante a enfatizar é que grupos étnicos, de fato todos os grupos são instituições, padrões de prática social identificando pessoas que se tornaram estabelecidas sobre o tempo de como as coisas são feitas em um contexto particular local, sendo que as pessoas neste local estão conscientes disso (JENKINS, op. Cit., p. 61).

Deve-se salientar que a questão étnico-racial não se pode pensar apenas como um discurso de significado, pois existem fatores externos à linguagem que tornam constante o cerne da questão étnico-racial, quanto a isso é importante compreender a “cor de pele como um determinante ativo de relações sociais” (MILES, op. Cit., p. 87), isto é um traço determinante construído simbolicamente. Todavia, este fenótipo, esta cor (uma questão biológica) é compreendido e explicado através de uma relação de linguagem e significados, isto quer dizer que é na interação que tais traços biológicos são significados para os sujeitos que estão envolvidos na ação, portanto, deve-se sair desta dicotomia de traço biológico e cultural para compreender que ambas são linguagens construídas na interação social.

A raça na História e sua relação com a biologia e a cultura

Os conceitos raça e etnia são considerados como construções sociais, que foram ganhando seus respectivos significados ao longo da História, pois os mesmos não são termos que tenham referentes fixos (Id. Ibid., 2000, p. 11), a palavra racismo por exemplo não existia durante os séculos XVIII e XIX (MILES, Op. Cit., p. 81). Nestes termos, “Elias mostra que a burguesia a partir do século XVI começa a ver seus valores e maneiras mais como uma questão de herança do que uma construção social” (Id. Ibid., p. 90). Tais valores começam a gerar um significado na ação dos indivíduos que futuramente vão tomar a forma de racismo. Ou seja, comportamentos e condutas paulatinamente deixam de ser algo construído socialmente por seu grupo, para se tornar uma herança, algo herdado, pertencente de maneira inata ao grupo, como uma “raça”.



No século XVIII, a palavra *raça* era primeiramente usada para a descendência comum de um conjunto de pessoas; as suas características distintivas eram dadas por assentes e a categoria *raça* usava-se para explicar como as conseguiram. No século XIX, *raça* tornou-se um meio de classificar as pessoas por essas características (BANTON, 1979, p. 39).

A palavra *raça* tem o seu significado modificado por volta do início do século XIX. Anteriormente, o termo era utilizado no sentido de linhagem; as diferenças entre as “raças” ocorriam em circunstância de suas histórias (Id. Ibid., p. 29). Já no decorrer do século XIX, com o advento do pensamento darwinista, mais especificamente o darwinismo social, o termo *raça* veio a significar uma qualidade física inerente. “Os outros povos passavam ser vistos como biologicamente diferentes” (Id. Ibid., p. 30). Ou seja, *raça* se tornou um conceito para classificar certos grupos sociais. Ao longo do decorrer histórico existiam os clãs e outros grupos que faziam este papel, mas o conceito de *raça* foi de maneira processual sendo ressignificado e se tornando um importante elo simbólico de classificação de grupos sociais, seja por qualidades ou estigmas, de um grupo social sobre o outro. A partir destes novos significados, podem-se explicar alguns dos processos de racismo ao longo da história moderna. Tal tarefa, contudo, não é o objetivo deste artigo.

Deve-se salientar que descrever e compreender a *raça* como uma construção social não significa que por ser uma ideia, o simples fato de esquecer ou suplantiar outra ideia vai apagar uma herança histórica de desigualdade e preconceito. Como Fanon escreveu, “o branco, incapaz de enfrentar todas as reivindicações, se livra das responsabilidades” (FANON, Op. Cit., p. 98), ou seja, “o mito do negro-ruim faz parte do inconsciente da coletividade” (Id, Ibid., p. 90). Isso não quer dizer, procurar uma ferramenta para se livrar de nossas responsabilidades históricas, mas sim partir de uma compreensão fenomenológica de questões sociais, analisando as questões postas como elas são, no caso, analisar a *raça* como uma ideia construída em um determinado contexto. Tratar os conceitos de *raça*, *etnicidade* e *racismo* como construções sociais não significa tirar a culpa, mas compreender de que maneira se originaram – nos aspectos cotidiano da vida social - não como algo existente para além dos indivíduos, como uma estrutura objetiva, mas que é algo presente na subjetividade em muitas das ações sociais realizadas pelos indivíduos, pois são símbolos herdados e aprendidos através de nossas interações.



Os conceitos de etnicidade, raça e racismo sendo ideias surgidas em um determinado contexto histórico, significa que os seus significados não são estáticos elas se modificam ao longo do tempo, logo, hoje podemos entender que “estamos vivendo uma profunda transformação na maneira pela qual a ideia de “raça” é entendida e praticada” (GILROY, Op. Cit., p. 29). Pois

A ideia de “raça” perdeu muito de sua credibilidade de senso comum, porque o elaborado trabalho cultural e ideológico voltado para a sua produção e reprodução é mais visível do que nunca, porque ela tem sido despida de sua integridade moral e intelectual, e porque há uma chance de impedir sua reabilitação. [...] a “raça”, tal como foi definida no passado, também se tornou vulnerável às reivindicações de uma biologia muito mais elaborada e menos determinista (Id., Ibid., p. 50).

Ou seja, após eventos ocorridos na história recente a ideia de raça até então concebida, perde a sua credibilidade, porém ainda mantendo elos simbólicos significantes, principalmente acerca do racismo que grupos étnicos minoritários sofrem por parte dos grupos dominantes, como no caso brasileiro sendo o racismo deixado no inconsciente coletivo da população, sendo manifestado abertamente e também de maneira inconsciente.

Os traços biológicos foram ao longo da história sendo construídos culturalmente como desencadeadores do racismo a partir dos aspectos físicos que diferenciavam grupos sociais entre si, portanto, os mesmos foram usados – muitas vezes de forma exagerada – para a diferenciação de grupos étnicos. Atualmente, Wieviorka (2006), apresentaria o racismo através da diferença cultural, centrado em uma hierarquização destas diferenças, Isto significa que “o problema é que tanto os atributos ‘culturais’ e ‘biológicos’ significam sugerir a existência de auto-reprodução de coletividades sociais que são distintas em si” (MILES, Op. Cit., p. 100). Isso significa que:

A ideia moderna de raça favoreceu uma escala específica de representação e funcionou dentro dos mais estritos limites perceptuais, que as marcas, os órgãos e as feições distintivas tenham sido descobertas na superfície externa do corpo, quer tenha se pensado que eles residissem em algum lugar em seu interior, onde se imaginava que as propriedades escondidas do sangue, dos ossos e dos nervos, diferenciados racialmente, regulassem as manifestações sociais e culturais (GILROY, 2007, p. 58).

Traços físicos como o fenotípico, traços faciais, cabelo, cor dos olhos podiam representar a raça. Portanto, o aspecto biológica dos indivíduos, foi utilizado como atribuição de significados culturais radicalizados, hierarquizados e estigmatizadores,



sobre os aspectos biológicos foi instrumento de dominação de um grupo sobre o outro, demonstrando assim, a diferenciação entre grupos sociais distintos. O corpo tornou-se um objeto físico de representação identitária, ou seja, mostrando a qual grupo étnico o indivíduo pertencia. Nos tempos atuais, tal análise biológica é questionada, principalmente a partir das modificações corporais possibilitadas pela medicina estética moderna.

os corpos podem ainda ser os mais significativos determinantes para fixar a ótica social da “raça”, porém, os corpos negros são vistos agora – simbolizados e imaginados – diferentemente. Graças ao Adobe Photoshop e tecnologias de processamento de imagens similares, os tons de pele podem ser manipulados, com mais facilidade do que os músculos marcados de forma indelével que vendem produtos para transpiração de grifes (GILROY, 2007, p. 43).

Nesta questão, Gilroy apresenta as diferenças que a tecnologia hoje proporciona, isto acarretam em uma mudança na identidade e ser dos indivíduos, porém, mesmo podendo mudar drasticamente a coloração da pele em fotos ou em cirurgias, alguns estigmas permanecem pois entra a questão da identidade dos grupos sociais e como tais traços exercem influência sobre eles, por exemplo, a internalização de um signo referente ao formato do nariz por parte de um grupo social, “o grupo categorizado é exposto a termos no qual outro grupo define e assimila tal categorização, seja total ou em parte, em sua própria identidade” (JENKINS, Op. Cit., p. 70). Em consequência desta significação da dominação através de traços biológicos em determinados grupos, sejam eles visíveis aos olhos ou através de questões simbólicas, para além dos traços físicos, sendo “invisíveis”, surgem diferenças através de relações de poder. Sobre esta questão, considerando que a

identificação interna e auto-identificação, seja por indivíduos ou grupos, no entanto não é o único “mecanismo” para formação de identidade étnica. As pessoas nem sempre estão em posição de ‘escolher’ quem elas são ou o que sua identidade significa em termos de consequências sociais (JENKINS, 1997, p. 47).

Portanto, não significa desconsiderar os aspectos biológicos em prol dos culturais para a análise do racismo, na verdade, uma definição coerente de racismo não pode se basear na distinção entre fenótipo e cultural, deve-se considerar racismo a partir de uma relação de dominação de um grupo étnico sobre outro grupo étnico estigmatizado (MONSMA, 2016). Esta relação de dominação contribui para que “certas modalidades de racismo podem jogar um papel central na instigação



e/ou reprodução de uma estrutura de dominação com a formação social, mesmo ela não sendo de origem colonialista/colonizada” (MILES, Op. Cit., p. 102). Ou seja, não podemos tratar o racismo como uma herança histórica da escravidão e o colonialismo, ou um produto direto do colonialismo europeu, mas sim um fenômeno social que se desenvolve a partir da relação de dominação entre distintos grupos étnicos. Portanto, o racismo é uma ferramenta de subjugação de outro grupo étnico ressignificado constantemente na interação social para um grupo exercer dominação sobre o outro, destacando que esta dominação não significa apenas uma luta política ou um conflito, mas sim dominação nas mais diversas esferas sociais.

Acerca da análise pós-colonial deve-se compreender que os pensadores pós-coloniais relem a colonização como parte de um processo global em andamento (HALL, 2003), isto quer dizer que as mudanças nas relações globais apresentam mudanças constantes nas relações entre grupos dominantes e subalternos, não podendo com isso gerar uma classificação já estruturada entre dominantes e dominados. Portanto, as posições políticas não são fixas, elas devem ser situadas. Hall vai apresentar que a grande diferença dos pensadores pós-coloniais – diferente dos outros “pós” – é que tais pensadores organizam e escrevem outras narrativas a parte das grandes narrativas imperiais, que eram centradas no discurso da construção da nação. Para os pós-coloniais o período da colonização exerceu (e permanece exercendo) um maior impacto na história mundial, diferente das grandes narrativas na qual a apresentavam como um mero período de transição do mundo feudal para o capitalismo, os pós-coloniais apresentam a colonização como um papel importante de caracterizador das condições sociais construídas após o período, na verdade ainda exercendo influência sobre as condições sociais atuais.

Paul Gilroy (2002) vai apresentar que o pós-colonialismo faz falar o que foi silenciado, dando voz aqueles que até então não tinham voz nas narrativas imperialistas das nações, com isso se contrapondo politicamente ao essencialismo de alguns pensadores. Se contrapor a esse essencialismo significa destituir os possíveis representantes de um grupo, isto quer dizer aqueles que querem falar em nome dos oprimidos, das minorias, o que pode posteriormente questionar o papel do intelectual das ciências sociais, que muitas vezes se apresenta como porta-voz das minorias. Para Gilroy a modernidade apresenta o terror racial como uma de suas



faces, ou seja, o desenvolvimento produzido pela modernidade ocorre através de um racismo generalizado em toda a campanha de modernização, isto quer dizer que o humanismo ocidental está organizado sob a barbárie do colonialismo e capitalismo. Isto quer dizer que, conforme Cabral (1977), o período colonial não foi, ele é um acontecimento em andamento na ação dos corpos dos sujeitos.

Em relação a essa compreensão das ciências sociais para o pós-colonialismo, Said (2004) vai oferecer a reversão das ciências sociais. Operacionalizando um conjunto de práticas discursivas, construindo assim um método que não simplifique a realidade. Said vai alegar que foi o discurso quem construiu o Oriente (com isso quer-se dizer o *outro*), portanto o discurso tornou uma alteridade governável, devendo então compreender a relação extra-discursiva de dominação. Esta outra alteridade governável é que depois vai ser dialogada como sendo uma minoria social. Foi a partir da expansão europeia que se racializou o mundo, portanto, não basta dizer que um evento como a raça, o ocidente (entre outros) não existe, é preciso ver quais são os efeitos históricos disso. Logo, o trabalho dos pós-coloniais é a desconstituição sistemática de como a academia se legitima. A ciência constitui uma relação de poder. Na reconfiguração das ciências sociais, torna-se importante analisar o racismo pois é uma relação de poder de como uma alteridade é subjugada por um grupo dominante. A crítica a esse pensamento, é justamente pensar o racismo como um produto do colonialismo europeu, desconsiderando conflitos étnicos entre grupos na qual não houveram contato com a expansão marítima europeia.

Isto significa que o conceito de raça é um evento importante para os pós-coloniais, não há entrada no pós-colonialismo sem considerar o racismo, portanto, deve-se compreender que:

não podemos deixar de nos lembrar sempre que o conceito de “raça”, tal como é empregado na linguagem cotidiana de senso comum, para significar características conexas e comuns em relação ao tipo e à ascendência, é uma invenção relativamente recente e absolutamente moderna (GILROY, 2007, p.52).

Isto significa que sem discutir a questão racial, não se pode discutir o advento da modernidade. Como a colonização é um estado de ser permanente, logo a raça, é um conjunto de representações, pois ela apresenta-se nos corpos dos



subjugados, configurando constantemente quem eles são. Embora a raça seja um esquema mental de classificação, a raça apresenta-se historicamente no corpo, a corporalidade da raça é um produto da modernidade, sendo um estado de dor constante.

Portanto, os pós-coloniais abarcam a importância do racismo na constituição da modernidade, mas deixam de lado a relação de conflitos étnicos entre grupo em que a colonização europeia não exerceu influência, portanto, este trabalho busca apresentar o racismo como uma relação de dominação de um grupo étnico sobre outro. Existe um outro lado desta questão de relação de poder e de subjugar o outro, pois o grupo estigmatizado, muitas vezes pode utilizar-se dos signos de discriminação, e os ressignificarem como algo em prol de sua identidade social. Ou seja, mesmo com o grupo sendo estigmatizado, tais símbolos são ressignificados e gerando assim, o próprio signo que o define como um grupo, construindo a sua identidade com signos que até então eram utilizados de maneira pejorativa, criando elos de ligação com uma identidade e um grupo social.

Com essas transformações dos conceitos de raça, racismo, etnicidade, assim como os seus respectivos signos, compreende-se então, que hoje “a pele não é mais privilegiada como o limiar da identidade ou da particularidade. Há boas razões para supor que a linha entre o interno e o externo passe em outro lugar. As fronteiras da ‘raça’ ultrapassam o limiar da pele. Elas são celulares e moleculares” (GILROY, Op. Cit., p. 70). Isto significa que para Gilroy, atualmente deve-se considerar a existência de uma nova forma de racismo, este novo racismo estaria pautado em uma “corrente de persuasão deixava claro que não se sentia à vontade com a ideia de que a “raça” pudesse ter bases biológicas. Em vez disso, a consciência de ‘raça’ era vista como intimamente ligada à ideia de nacionalidade” (GILROY, Op. Cit., p.53).

A partir desta questão do nacionalismo pode-se compreender o racismo contra os imigrantes haitianos, que são uma minoria social que vem ganhando destaque em manchetes de jornais, devido ao fato da recente migração de muitos haitianos para cidades brasileiras. Os imigrantes são minorias étnicas nos Estados na qual eles migram, portanto:



Se as nações são populações que convergiram ou que estão dispostas a convergir em Estados-nações, as minorias étnicas são grupos que, possuindo atributos nacionais, desejam viver em Estados que não têm como base os seus costumes, língua, religião e valores. As noções de raça vieram a envolver-se tão estritamente com os problemas de minorias étnicas que é frequentemente improdutivo tentar demarcar o estudo das relações raciais no respeitante ao estudo das relações étnicas. A investigação da história de muitas minorias mostra que é impossível separar a influência de fatores como raça, etnicidade, classe, religião, e assim por diante, como se fossem fatores de uma equação algébrica. A história humana não é assim tão simples (BANTON, Op. Cit., p. 18).

Os Imigrantes haitianos

É a partir desta questão das minorias compreendendo a transformação ou ressignificação dos conceitos de etnia, raça e racismo que será abordado a imigração haitiana recente no Brasil e a estigmatização contra eles. Primeiro, através de um aspecto que foi apresentado anteriormente, que o racismo deve ser compreendido como elos físicos e culturais, muitas vezes subjetivos, utilizados por um grupo étnico para dominar outro grupo étnico minoritário. Muitos desses imigrantes podem vir a ser considerados pelos moradores das cidades como “incapazes de se integrarem às normas e linguagens preferidas pelas populações dominantes” (SCOTT, 2010, p.123), justamente pelo fato de serem “estrangeiros”, o que configura o racismo a partir da diferenciação cultural, sendo este grupo minoritário como detentor de uma cultura inferior a dos dominantes. O grupo dominante utiliza este subterfúgio como uma ferramenta para exercer a exclusão do grupo dominado, alegando que os mesmos são incapazes de se integrarem às normas vigentes na vida cotidiana daquele espaço social.

Acerca da questão de estigmatização, Goffman (2013, p.13) a conceitua como “um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem honroso nem desonroso”. Para uma melhor compreensão, Goffman descreve três tipos de estigma,

Em primeiro lugar, há as abominações do corpo – as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser



transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família (GOFFMAN, Id. Ibid., p.14).

Isso quer dizer que o indivíduo que de alguma maneira teria sido aceito em uma interação social cotidiana facilmente, se possui um traço que pode ser considerado como estigma, pode impor sobre ele uma forma de atenção afastando os outros que ele encontra, muitas vezes, desconsiderando outros possíveis atributos seus. Isto significa que o estigma é um signo utilizado por um grupo ou indivíduo para exercer dominação sobre outro. Essa dominação pode ocorrer de diversas formas, desde agressão física, a sanções sociais (neste fator pode-se caracterizar questões econômicas, políticas e culturais) e de caráter simbólico. No cotidiano podem-se verificar questões existentes no que tange à sociedade.

A questão racial é muito pertinente no que tange a construção do estigma contra os chamados novos imigrantes (no caso deste artigo, os haitianos), pois em alguns casos apresentam-se como um dos principais desencadeadores da discriminação vivenciada pelos imigrantes. Pode-se dizer que o racismo significa uma “atitude que predispõe uma pessoa a pensar, perceber, sentir e agir de maneira favorável ou desfavorável em relação a integrantes de determinado grupo” (GIL, 2011, p. 132), gerando os signos contra tais grupos, que são constituídos por “descrições exageradas aplicadas a cada pessoa que integra determinada categoria” (GIL, Id. Ibid., p. 133), estas atitudes e estigmas constituem uma estigmatização contra este grupo social.

Uma forma de apresentar o racismo contra os imigrantes haitianos - diferente em relação àquele contra o negro brasileiro - é devido à língua materna. Como há muitos haitianos que apenas falam o *creolo* ou o francês, ocasiona que a comunicação se torna uma barreira entre ambos os grupos, tangenciando a discriminação de habitantes estabelecidos, na qual falam abertamente contra os imigrantes, utilizando-se de palavras de baixo calão contra os imigrantes haitianos, justamente pelos mesmos não entenderem a língua que o morador estabelecido está comunicando. O que impossibilita de terem contatos e interagirem entre si. O idioma é usado para a discriminação contra o grupo dominado, a partir de fofocas e redes de interação, os desqualificando.



O preconceito contra tais imigrantes pode apresentar-se de maneira sutil, como em casos recentes de pequenas cidades do interior, importando mão-de-obra emigrada para trabalhar em frigoríficos ou na construção civil – nos cargos mais baixos da hierarquia de trabalho destes locais - e mesmo assim, existindo um preconceito tangente contra tais trabalhadores novos². O exagero quanto ao estigma que um grupo dominante exerce contra outro grupo dominado, muitas vezes é construído simbolicamente em nossas mentes e interações, a partir do “Outro Generalizado”, que seria “a atitude de toda a comunidade” (MEAD, 1967, p. 154). Isso significa que o grupo que detém o poder de gerar significado constrói a identidade de um grupo social, no caso o outro - muitas vezes, de maneira pejorativa e discriminatória - fazendo assim com que um indivíduo de um grupo seja a tipificação de toda uma comunidade.

Muitos dos moradores de uma cidade, mesmo jamais entrando em contato com um imigrante, veem com maus olhos os imigrantes, por construírem símbolos de estigma contra eles existentes por causa do racismo. Ou seja, o racismo contra o negro é reapropriado em uma nova forma, neste caso anexando as questões xenofóbicas de medo do desconhecido, ameaça de “roubar empregos” como também possíveis formas de agredir os imigrantes sem se preocupar em ser repreendido pelo seu superior. Logo, o imigrante haitiano é visto da mesma maneira pejorativa que o negro é visto na sociedade brasileira, porém, com algumas diferenças. Uma a ser destacada, aparenta ser a questão acerca da escravidão. Enquanto os negros brasileiros ainda guardam os resquícios do preconceito e discriminação oriundas da herança histórica que foi a escravidão brasileira, os imigrantes haitianos, não vivenciaram tal escravidão, na verdade, são herdeiros históricos de seu passado escravocrata mas também a identificação de sua luta em prol da emancipação e liberdade, tornando-se a primeira República Negra das Américas. Logo, como esses negros (imigrantes) não se “colocam” no devido lugar que os negros devem estar, para os brancos dominantes, essa ruptura de roteiro de como deveriam agir, causa um desconforto pelos dominantes, o que ocasiona seus atos de racismo contra os imigrantes haitianos.

² <http://www.jornalahora.inf.br/?oxi=lerEditorias&jid=816&editoriald=48>.



Devido às consequências dos desastres ocorridos no Haiti, como o terremoto em 2010 e as constantes crises político-econômica do país, muitos haitianos considerados profissionalmente qualificados, com curso superior, emigraram a outros países em procura de empregos, no quais não são exigidos muitos anos de estudo. Constituindo uma cultura de Diáspora presente na identidade do ser haitiano. Em consequência disto, surgem casos de haitianos com nível educacional superior, trabalhando em setores na qual é exigido uma baixa escolaridade, justamente pela grande oferta de empregos nestas cidades. Como a entrevista de um haitiano, mostrada no *site* G1, na qual um haitiano formado em Matemática, só conseguia emprego como operário³. O mesmo constata o racismo de que são vítimas. O haitiano diz: *“encontro muitas injustiças. Muitos brasileiros ou brasileiras consideram os haitianos, nas empresas, como escravos”*. Esta constatação mostra a ressignificação do racismo contra os novos imigrantes, e mais alarmante, uma reconfiguração de uma forma escravagista de trabalho. Não mais da maneira legal como foi no período brasileiro até 1888, mas reconfigurada a partir de redes de negociações entre os empresários, na qual eles alocam o lugar na qual os haitianos vão morar, assim como em quais estabelecimentos comerciais eles podem comprar seus mantimentos.

As pessoas que convivem com os novos imigrantes em suas cidades, muitas vezes atribuem a eles características, como sendo barulhentos, mal cheirosos, ou que estão trazendo para o país, tais características são fantasiosas, pois pouco se relacionam com eles, portanto, tais informações são distribuídas entre as pessoas através de redes de fofocas, o que corrobora para a disseminação do preconceito contra os imigrantes, pois sem ter interação com os imigrantes, os mesmos não conhecem de fato quem eles são. Junto a isso o elo simbólico oriundo de signos racistas existentes na sociedade brasileira, ocasiona na discriminação contra os imigrantes haitianos, pois constroem um Outro Generalizado, ou seja, um imigrante haitiano como uma identidade fixa, na qual desagrada à população estabelecida. Da mesma forma que Gilroy (Op. Cit) escreve em seu trabalho, o conceito de racismo é

³ <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2015/07/imigrante-diz-que-muitos-brasileiros-consideram-haitianos-como-escravos.html>.



modificado conforme o desejo de um grupo manter a legitimação de seu discurso e sua forma de ver o mundo.

Os casos de racismo (e xenofobia) contra os novos imigrantes são veiculados pela mídia⁴, mostrando a urgência da criação de políticas públicas que combatam a xenofobia e o racismo, pois os códigos atuais contra injúrias raciais não tem contemplado o racismo contra esses imigrantes, na qual, as pesquisas sociológicas e antropológicas de campo têm demonstrado que possui características diferentes da do racismo sofrido pelos negros brasileiros. Criando também políticas para abrigar estes imigrantes, serviço muito negligenciado pelo estado, na maioria das vezes sendo realizado por igrejas e ONGs.

Se os fenômenos da racialização e da subjugação de outro grupo étnico são produtos da interação social, deve-se buscar ferramentas para que no próprio cotidiano as pessoas construam elos simbólicos de combate ao racismo. Inclusive, a partir da análise das formas de injúria racial que surgem na interação social cotidiana, poder ser um instrumento não apenas analítico, mas para a formulação de políticas públicas de combate à injúria racial.

Considerações Finais

Os signos de estigmas que são gerados contra os imigrantes, para manterem seu monopólio e dominação do sentido de visão de mundo que tal grupo quer que seja o “verdadeiro”, pode acarretar em casos extremos de discriminação, na qual ocorre violência física contra os imigrantes. Como no caso ocorrido na cidade de São Paulo, na qual seis haitianos foram baleados⁵ e, segundo notícias vinculadas ao

⁴ http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/08/150819_racismo_imigrantes_jp_rm

Acesso em 08/09/2016

<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2015/11/refugiados-relatam-casos-de-exploracao-no-trabalho-racismo-e-xenofobia-no-brasil.html>

Acesso em 08/09/2016

<https://noticias.terra.com.br/brasil/imigrantes-haitianos-sofrem-racismo-e-xenofobia-no-brasil,a55e260ac95f5410VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html>

Acesso em 08/09/2016

<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/xenofobia-se-converte-em-agressoes-contra-imigrantes-haitianos-ef4atki1925lz2d0e34rtiudq>

Acesso em 08/09/2016

<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/RELAcoes-EXTERIORES/496741-DEBATEDORES-APONTAM-CASOS-DE-RACISMO-E-XENOFobia-NO-BRASIL.html>

Acesso em 08/09/2016

⁵ <http://www.cartacapital.com.br/blogs/parlatorio/seis-imigrantes-haitianos-sao-baleados-em-sao-paulo-9027.html>

Acesso em 08/08/2015.



acontecimento, antes dos disparos os agressores teriam dito “*haitianos, vocês roubam nossos empregos*” (sic). Este caso demonstra a falta de informação junto ao preconceito racial construído socialmente no cotidiano.

Devemos analisar quem são os agressores que fizeram isso e o que seria estes “nossos” empregos que estão sendo “roubados”, pois os haitianos – seja qual for o grau de instrução – vieram ao Brasil ocupar cargos profissionais que até então eram desocupados⁶, haviam vagas em aberto, nas funções como operário em frigoríficos ou construção civil. Constata-se claramente que, os agressores em si, não estavam “perdendo” seu emprego por causa dos imigrantes haitianos. Era um claro caso de racismo e xenofobia – a ressignificação do racismo que este trabalho vem apresentando – contra uma minoria étnica. A matéria mais adiante, demonstrando mais claramente o racismo e xenofobia, relata que os haitianos precisaram passar por duas unidades de saúde até serem atendidos, e segundo os mesmos, não foram atendidos por causa de racismo.

Algo a ser questionado quanto a esta configuração de racismo ocorre em frente à outras formas de imigração, que muitas vezes não se apresentam em pauta ou nas manchetes de jornais, são os imigrantes oriundos de países da Europa ou da América do Norte, o que tange esta questão é que, muitas vezes, tais imigrantes são de cor branca, cabelos e olhos de coloração clara. Logo, o fato de serem imigrantes não é um problema, pelo contrário, muitas vezes no cotidiano é algo a ser exaltado (quando oriundo da Europa ou América do Norte), ou inexpressivo, mas por se tratarem de imigrantes que possuem uma cultura diferente da dos moradores dominantes, torna-se, portanto, uma ameaçada e desencadeadora de possíveis conflitos étnicos.

Deparamos no Rio Grande do Sul com a comum imigração de uruguaios habitando em cidades do estado e não ser vinculadas notícias pela mídia sobre uma constatação significativa, no sentido de discriminação ou preconceito contra estes grupos de imigrantes. Pelo contrário, são os assim chamados “amigos”, “*hermanos*”... Logo, isto pode demonstrar que, o racismo e discriminação contra

⁶ Vale salientar que cada caso é uma questão específica e singular, neste trecho o artigo está se referindo aos haitianos que ocuparam empregos nas cidades do Rio Grande do Sul.



grupos imigrantes têm como um dos seus grandes focos de destaque, a questão racial ressignificada a partir dos novos elos étnico-culturais.

Este artigo apresentou, alguns traços do racismo existente na sociedade brasileira, corroboraram para a discriminação contra os imigrantes haitianos, porém este racismo foi ressignificado, construindo novos signos que não existiam no racismo vigente (até então) pois os imigrantes haitianos possuem diferenças culturais significativas dos negros brasileiros, entre elas, a própria comunicação. Considerando apenas os aspectos culturais, o primeiro é que, o imigrante haitiano não foi escravo no Brasil, ele não passou por uma herança histórica de subjugação do seu ser e sua identidade, ao menos não como o negro brasileiro. Isto pode gerar ao dominador uma raiva, pois o mesmo não se submete à estas normas construídas historicamente mas não ditas de maneira clara, logo, o imigrante haitiano não “sabe o lugar dele”, por isso é alvo de preconceito contra agentes de um grupo que querem manter uma determinada visão de mundo vigente.

Pode-se considerar que, por um lado, apesar de o preconceito contra o negro brasileiro não ser dito claramente por brancos, ele está presente de maneira sutil nas questões existentes do cotidiano. Por outro lado, a discriminação contra o imigrante haitiano muitas vezes é dita de maneira aberta por indivíduos em seus espaços de interação e até mesmo escritos palavras de preconceito nos *sites* das assim chamadas “redes sociais” como *Facebook* ou *Twitter*. Justamente pela falta de comunicação, sendo que tais imigrantes não se comunicam em português. Assim como também, segundo os dominantes, tais grupos podem deter de uma cultura incapaz de se assimilar com os “valores dominantes” e que alguns deles podem considerar como sendo os únicos e certos para se viver. Cabe, portanto, à pesquisa sociológica averiguar quais são estes signos e como eles se desenvolvem em contextos sociais específicos. Procurando na interação social entre os diversos grupos e indivíduos, formas de combater o racismo a partir da criação de políticas públicas de combate à injúria racial.

Bibliografia

BANTON, Michael. *A ideia de raça*, Lisboa, Edições 70, 1979.



BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. *Aprendendo a pensar com a Sociologia*. Rio de Janeiro, Zahar, 2010.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis, Vozes, 2013.

BLUMER, Herbert. *Symbolic Interactionism: Perspective and Method*. Los Angeles, University of California Press, 1986.

CABRAL, Amílcar. Fundamentos e objetivos da libertação nacional em relação com a estrutura social. In: *Obras escolhidas. A prática revolucionária. Unidade e luta II*. Lisboa, Seara Nova, 1977.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro, Zahar, 2000.

FANON, Frantz. *Pele negra, mascaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

GILROY, Paul. *Entre campos: Nações, culturas e o fascínio de raça*. São Paulo: Annablume, 2007.

_____. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. Rio de Janeiro, 34/Universidade Cândido Mendes, 2002.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, LTC, 2013.

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003.

JENKINS, Richard. *Rethinking ethnicity: arguments and explorations*. Londres: Sage Publications.

MEAD, George Herbert. *Mind, Self & Society: from the Standpoint of a Social Behaviorist*. Chicago, University of Chicago Press, 1967.

MILES, Robert. *Racism after 'race relations'*. Londres e Nova York: Routledge, 1993.

MONSMA, Karl Martin. *A reprodução do racismo: fazendeiros, negros e imigrantes no oeste paulista, 1880-1914*. São Carlos, EDUFSCar, 2016.

WADE, Peter. *Raza y etnicidad en Latinoamérica*. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2000.

POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo, Unesp, 2011.

SAID, Edward. *Orientalismo*. Lisboa, Cotovia, 2004.



SCOTT, John. *Sociologia: conceitos-chave*. Rio de Janeiro, Zahar, 2010.

WIEVIORKA, Michel. *Em que mundo viveremos?* São Paulo, Perspectiva, 2006.